DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL DO LACTENTE: IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO E DA RESPONSIVIDADE PARENTAL

SOCIOEMOTIONAL DEVELOPMENT OF INFANTS: THE IMPORTANCE OF BONDING AND PARENTAL RESPONSIVENESS

Adrian Gabriel Rodrigues Rocha[1], João Victor Camargo Sampaio[1],Maria Rafaella Silveira Coelho[1], Maria Clara Sales Motoso[1], Vanessa Teixeira Duque de Oliveira[2]

1.·Acadêmico do curso de Medicina da Faculdade Afya Montes Claros; **2.** Professora do curso de Medicina da Faculdade Afya Montes Claros.
Email: msalesmotoso@gmail.com

Eixo Temático: Saúde

RESUMO

Introdução: O primeiro período da vida constitui uma etapa fundamental para o desenvolvimento socioemocional, na qual as interações estabelecidas entre o lactente e seus cuidadores participam da organização das respostas emocionais, sociais e comportamentais. Objetivo: Analisar, a partir da literatura científica, a importância do vínculo e da responsividade parental para o desenvolvimento socioemocional do lactente, identificando os principais fatores relacionados à qualidade dessas interações e suas possíveis repercussões sobre o desenvolvimento infantil. Método: Foi realizada uma revisão integrativa da literatura, utilizando dez artigos científicos, publicados entre 2021 e 2024, localizados em PubMed/PMC e em periódico científico indexado. A estratégia de busca foi estruturada mediante combinações de palavras-chave relacionadas a lactentes, desenvolvimento socioemocional, vínculo, sensibilidade e responsividade parental, empregando os operadores booleanos AND e OR. Resultados: Os estudos evidenciaram que a qualidade das interações precoces está relacionada ao desenvolvimento socioemocional infantil. A sensibilidade e a responsividade parentais favoreceram interações contingentes, organização da relação cuidador-lactente, competência social e outros aspectos do desenvolvimento. Padrões de responsividade excessivamente baixos ou elevados também foram associados a desfechos menos favoráveis, especialmente à desorganização do apego. Aspectos como sofrimento psicológico materno, contexto sociocultural, qualidade da interação, toque, comunicação e uso de dispositivos eletrônicos mostraram-se relacionados à dinâmica da interação parental. Conclusão: O vínculo e a responsividade parental constituem componentes relevantes do ambiente relacional no qual o desenvolvimento socioemocional do lactente ocorre. A promoção de interações sensíveis, contingentes e emocionalmente disponíveis representa importante perspectiva para ações preventivas e de promoção do desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: Desenvolvimento Infantil. Lactente. Relações Mãe-Filho. Responsividade. Desenvolvimento Socioemocional.

ABSTRACT

Introduction: The first period of life constitutes a fundamental stage for socioemotional development, during which interactions established between infants and their caregivers contribute to the organization of emotional, social, and behavioral responses. Objective: To analyze, based on the selected scientific literature, the importance of attachment and parental responsiveness for infant socioemotional development, identifying the main factors associated with the quality of these interactions and their potential repercussions on child development. Methods: An integrative literature review was conducted using a corpus of ten previously selected scientific articles, published between 2021 and 2024, retrieved from PubMed/PMC and an indexed scientific journal. The search strategy was structured using combinations of keywords related to infants, socioemotional development, attachment, parental sensitivity, and responsiveness, employing the Boolean operators AND and OR. Results: The

studies demonstrated that the quality of early interactions is associated with infant socioemotional development. Parental sensitivity and responsiveness promoted contingent interactions, organization of the caregiver-infant relationship, social competence, and other aspects of development. Both excessively low and excessively high levels of responsiveness were also associated with less favorable outcomes, particularly disorganized attachment. Factors such as maternal psychological distress, sociocultural context, interaction quality, touch, communication, and the use of electronic devices were associated with the dynamics of parental interaction. Conclusion: Attachment and parental responsiveness constitute relevant components of the relational environment in which infant socioemotional development occurs. The promotion of sensitive, contingent, and emotionally available interactions represents an important approach for preventive actions and the promotion of child development.

Keywords: Child Development. Infant. Mother-Child Relations. Responsiveness. Socioemotional Development.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento socioemocional inicia-se nos primeiros meses de vida e ocorre em estreita relação com as experiências estabelecidas entre o lactente e seus cuidadores. Desde os primeiros meses, o bebê apresenta capacidade de participar de interações sociais, responder a estímulos comunicativos e utilizar o cuidador como importante fonte de regulação diante de situações de desconforto ou estresse. Nesse contexto, o comportamento parental não constitui apenas uma resposta às necessidades imediatas da criança, mas integra um processo interativo no qual os sinais emitidos pelo lactente também influenciam o comportamento do cuidador .[1] A responsividade parental pode ser compreendida, nesse sentido, como a capacidade de responder aos sinais infantis de maneira contingente, adequada e ajustada às necessidades apresentadas durante a interação.[2]

A sensibilidade parental apresenta relação estreita com esse processo, sendo caracterizada pela capacidade do cuidador de perceber, interpretar e responder adequadamente aos sinais sociais e emocionais do lactente.[1] Estudos observacionais demonstram que a sensibilidade não é determinada exclusivamente por características maternas, mas resulta da interação entre fatores biológicos, psicológicos e sociais. Em uma amostra longitudinal de 1.292 díades mãe-lactente, a sensibilidade materna foi examinada aos 6, 15 e 24 meses, sendo observadas relações entre características maternas, expressão emocional infantil e mudanças nos padrões de envolvimento parental.[1]

A interação entre cuidador e lactente também apresenta caráter dinâmico e bidirecional. Em diferentes contextos culturais, estudos demonstram que as respostas maternas e infantis apresentam contingência temporal e sintonia dentro das díades. Em uma investigação com 408 mães e seus lactentes de aproximadamente 5,5 meses, interações envolvendo fala materna e atenção infantil foram temporalmente contingentes em diferentes grupos culturais, além de apresentarem sintonia entre os comportamentos maternos e infantis.[2] Esses achados reforçam a compreensão de que o desenvolvimento ocorre no interior de relações nas quais ambos os participantes influenciam continuamente a interação.

O vínculo parental constitui outro componente relevante desse processo. Embora vínculo, apego, sensibilidade e responsividade sejam conceitos relacionados, não são equivalentes. O vínculo parental está relacionado à experiência afetiva do cuidador em relação ao filho, enquanto a sensibilidade e a responsividade envolvem comportamentos observáveis e a capacidade de perceber e responder aos sinais infantis. A qualidade dessas dimensões pode ser influenciada por características individuais dos pais, pelas condições psicológicas e pelo contexto no qual a interação ocorre. Em estudo com 427 mães e 170 pais de lactentes de até um ano, sintomas de depressão, ansiedade e estresse foram investigados em associação com sensibilidade, responsividade e vínculo parental.[6]

A relevância da responsividade também pode ser observada na formação dos padrões de apego. Em uma amostra longitudinal de 625 díades mãe-lactente caracterizadas por diferentes níveis de risco pré-natal e social, a responsividade materna aos quatro meses foi relacionada aos padrões de apego observados aos 18 meses. Tanto níveis muito baixos quanto níveis muito elevados de responsividade estiveram associados a maior probabilidade de apego desorganizado, enquanto níveis intermediários estiveram relacionados a padrões mais organizados.[5] Dessa maneira, os achados indicam que a qualidade da responsividade não depende apenas de sua presença, mas também de sua adequação às características e aos sinais apresentados pelo lactente.

A qualidade das interações precoces pode ainda alcançar diferentes domínios do desenvolvimento. Em estudo longitudinal com 40 díades mãe-lactente, a sensibilidade materna observada aos três meses esteve associada ao desenvolvimento posterior da linguagem entre 18 e 30 meses.[3] Embora a linguagem não corresponda integralmente ao desenvolvimento socioemocional, o achado evidencia que experiências interativas precoces podem apresentar repercussões para diferentes dimensões do desenvolvimento infantil. Do mesmo modo, estudo realizado com 24 lactentes identificou associação entre sensibilidade materna aos sete meses e padrões de resposta cortical ao toque aos 12 meses, sugerindo que características da interação precoce podem estar relacionadas inclusive ao processamento neural de estímulos táteis.[10]

Outro aspecto relevante é a influência do estado psicológico materno. O sofrimento psicológico no período perinatal pode interferir na qualidade das interações estabelecidas com o lactente. Em estudo longitudinal do FinnBrain Birth Cohort, a interação mãe-lactente aos oito meses foi relacionada ao desenvolvimento socioemocional posterior, enquanto o sofrimento psicológico materno pós-natal apresentou associação com maior quantidade de problemas socioemocionais aos dois anos.[4] Embora algumas associações não tenham permanecido significativas após correções estatísticas, os resultados sustentaram a relevância da qualidade da interação e do sofrimento psicológico materno para a compreensão do desenvolvimento socioemocional.

As interações precoces também são influenciadas por mudanças nas práticas familiares e pelo contexto sociocultural. O uso de smartphones durante a interação, por exemplo, pode representar uma interrupção da disponibilidade parental. Em estudo com lactentes de seis, nove e 12 meses, a interrupção da interação parental para simular atenção ao smartphone aumentou comportamentos de protesto e reduziu o envolvimento positivo e o monitoramento social dos lactentes.[8] Esses resultados aproximam o fenômeno da literatura sobre o paradigma da face imóvel, no qual alterações abruptas na responsividade e na sintonia entre cuidador e lactente produzem mudanças comportamentais observáveis.

Apesar da crescente produção científica sobre as relações entre parentalidade e desenvolvimento infantil, os dez estudos selecionados apresentam diferentes perspectivas, populações, métodos de avaliação e dimensões da interação parental. Essa heterogeneidade dificulta uma compreensão isolada de cada variável e reforça a necessidade de integrar os achados para compreender como vínculo, sensibilidade e responsividade se articulam ao desenvolvimento socioemocional durante os primeiros anos de vida.

Diante disso, esta revisão integrativa teve como objetivo analisar a importância do vínculo e da responsividade parental para o desenvolvimento socioemocional do lactente, identificando como a qualidade das interações precoces, a sensibilidade parental, as características psicológicas dos cuidadores, os fatores socioculturais e os padrões de interação podem estar relacionados aos desfechos socioemocionais e ao desenvolvimento infantil.

MÉTODO

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, desenvolvida com o propósito de reunir e integrar resultados de diferentes estudos científicos relacionados ao vínculo, à sensibilidade, à responsividade parental e ao desenvolvimento socioemocional do lactente.

A pergunta norteadora estabelecida foi: Qual é a importância do vínculo e da responsividade parental para o desenvolvimento socioemocional do lactente e quais fatores relacionados à qualidade das interações parentais podem influenciar esse desenvolvimento?

A estratégia de pesquisa foi estruturada a partir da combinação de palavras-chave, derivadas do DeCS, utilizando os operadores booleanos AND e OR. Foram considerados termos relacionados a lactentes e primeira infância, desenvolvimento socioemocional, vínculo parental, interação mãe-lactente, sensibilidade e responsividade parental. A estratégia conceitual utilizada foi: (infant OR infancy OR "mother-infant") AND ("socioemotional development" OR "social-emotional development" OR "social competence") AND ("parental responsiveness" OR responsiveness OR "maternal sensitivity" OR "parental sensitivity" OR bonding OR attachment), sendo a base de dados utilizada a PubMed/MEDLINE e PubMed Central (PMC), que resultou em 105 resultados. Foram analisados dez artigos científicos originados de 7 países (EUA, Japão, Argentina, Finlândia, Croácia, Noruega e Portugal), os quais abordaram diferentes aspectos da relação entre o cuidador e o lactente, incluindo vínculo, apego, sensibilidade, responsividade parental, interação social e desenvolvimento infantil. Os estudos apresentaram diferentes delineamentos metodológicos (Estudos observacionais longitudinais, comparativos e transversais, coorte longitudinal e estudos experimentais), permitindo a integração dos achados relacionados ao desenvolvimento socioemocional do lactente.

Foram considerados como critérios de inclusão, artigos científicos completos de 2021 a 2024; estudos envolvendo lactentes ou relações cuidador-lactente; pesquisas que abordassem pelo menos uma das dimensões de vínculo, apego, sensibilidade, responsividade ou interação parental; e estudos que apresentassem resultados relacionados ao desenvolvimento infantil, às interações sociais, aos aspectos emocionais ou a mecanismos relacionados à relação cuidador-lactente. Foram excluídos estudos sem relação direta com o vínculo ou a interação parental e publicações cujo conteúdo não contribuísse para responder à pergunta norteadora.

Após a seleção, os estudos foram submetidos à leitura do título, resumo e texto completo. As informações e os dados relevantes foram organizadas segundo autor, ano, delineamento, população, idade dos lactentes, características da interação parental, instrumentos utilizados e principais resultados. Posteriormente, os achados foram agrupados por aproximação temática, permitindo a construção de uma síntese integrativa.

RESULTADOS

Os dez artigos analisados apresentaram diferentes perspectivas sobre a relação entre interação parental e desenvolvimento infantil. Apesar da heterogeneidade metodológica, os estudos convergiram para a importância da qualidade das interações precoces, especialmente da sensibilidade e da responsividade parental. Os principais estudos estão sintetizados no Quadro 1.

Quadro 1. Caracterização dos estudos incluídos na revisão integrativa

Estudo	Delineamento e amostra	Principal dimensão investigada	Principais achados
Wu, 2021[1]	Longitudinal; 1.292 díades mãe-lactente	Sensibilidade materna e fatores biopsicossociais	Características biológicas, psicológicas e comportamentais materno-infantis participaram da trajetória da sensibilidade parental
Cote et al., 2023[2]	Observacional; 408 díades mãe-lactente	Responsividade e interação social	Interações mãe-lactente apresentaram contingência temporal e sintonia, com variações relacionadas ao contexto cultural
Endevelt-Shapira et al., 2024[3]	Longitudinal; 40 díades	Sensibilidade, fala dirigida ao lactente e turnos comunicativos	Sensibilidade aos três meses associou-se ao desenvolvimento posterior da linguagem
Lahtela et al., 2024[4]	Longitudinal; coorte FinnBrain	Interação mãe-lactente e desenvolvimento socioemocional	Maior sensibilidade e estruturação maternas associaram-se a melhores indicadores socioemocionais em determinada fase do desenvolvimento
Mitsven et al., 2022[5]	Longitudinal; 625 díades	Responsividade e apego	Responsividade materna muito baixa ou muito elevada associou-se a maior probabilidade de apego desorganizado

Nakić Radoš, 2021[6]	Estudo com mães e pais; 597 participantes	Saúde mental, sensibilidade, responsividade e vínculo	Sensibilidade e responsividade foram examinadas como possíveis mediadoras entre saúde mental parental e vínculo
Taraban et al., 2024[7]	Longitudinal; 292 mães	Sensibilidade materna em diferentes contextos	A sensibilidade apresentou associações específicas com desfechos socioemocionais e de linguagem
Tidemann e Melinder, 2022[8]	Transversal; lactentes de 6, 9 e 12 meses	Interrupção da interação parental	Interrupção da interação aumentou protestos e reduziu envolvimento positivo e monitoramento social
Suga et al., 2022[9]	Estudo de interação mãe-lactente	Canto dirigido ao lactente, toque e bem-estar	Canto dirigido ao lactente associado ao toque favoreceu aspectos positivos da interação
Mateus et al., 2021[10]	Longitudinal; 24 lactentes	Sensibilidade materna e processamento neural do toque	Menor sensibilidade materna associou-se a maior resposta cortical a determinadas formas de toque

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos estudos selecionados.[1–10]

- **Sensibilidade e responsividade na interação precoce**

A sensibilidade e a responsividade parental constituíram os aspectos mais recorrentes entre os estudos analisados. Wu[1] acompanhou 1.292 díades, predominantemente provenientes de famílias de baixa renda, aos 6, 15 e 24 meses, demonstrando que a sensibilidade materna resulta da interação entre características do cuidador e do lactente. A reatividade do cortisol materno, os sintomas depressivos e a expressão emocional da criança participaram da explicação dos padrões de envolvimento e intrusividade materna.[1] Esses resultados evidenciam que o comportamento parental não ocorre de maneira independente das características infantis, uma

vez que diferentes manifestações emocionais do lactente podem modificar as demandas impostas ao cuidador.

A natureza bidirecional da interação foi demonstrada de maneira mais direta por Cote et al.[2], que analisaram a contingência temporal entre comportamentos maternos e infantis em diferentes grupos culturais. Os autores observaram que determinados comportamentos da mãe eram seguidos por respostas da criança em intervalos temporais específicos, assim como comportamentos infantis estavam associados a respostas maternas subsequentes. A presença dessa contingência em diferentes contextos culturais evidencia que o lactente participa ativamente da construção da interação, não sendo apenas receptor das ações do cuidador.[2]

Em conjunto, esses resultados caracterizam a responsividade como um processo contingente, adaptativo e relacional, no qual a qualidade da resposta depende da capacidade do cuidador de identificar os sinais apresentados pela criança e ajustar seu comportamento às características da situação.[1],[2] Dessa forma, os estudos não sustentam uma concepção de responsividade baseada exclusivamente na frequência das respostas, mas indicam a importância da correspondência entre o comportamento infantil e a resposta oferecida pelo cuidador.

- **Responsividade, vínculo e apego**

A relação entre responsividade e vínculo apresentou resultados mais complexos do que uma associação linear. Mitsven et al.[5] avaliaram 625 díades mãe-lactente, observando a interação face a face aos 4 meses e o apego aos 18 meses. Os resultados demonstraram maior probabilidade de apego desorganizado entre lactentes cujas mães apresentavam níveis muito baixos ou muito elevados de responsividade. Entretanto, não foi identificada associação direta entre responsividade materna e segurança ou insegurança do apego.[5]

Esse resultado demonstra que a responsividade parental não deve ser interpretada simplesmente como uma variável cuja elevação produz necessariamente melhores resultados. A ocorrência de níveis extremos esteve relacionada à desorganização do apego, enquanto a ausência de associação linear com segurança ou insegurança demonstra que outros componentes da relação cuidador-lactente participam da formação do vínculo.[5] Assim, os achados sustentam uma compreensão multidimensional do apego, no qual a qualidade da interação depende da combinação entre responsividade, sensibilidade e outras características individuais e relacionais.

Nakić Radoš[6] ampliou essa análise ao investigar 427 mães e 170 pais de lactentes de até um ano, considerando sintomas de depressão, ansiedade e estresse, além de sensibilidade, responsividade e vínculo parental. Os resultados indicaram participação da sensibilidade e da responsividade na relação entre características psicológicas dos cuidadores e vínculo parental, evidenciando que a qualidade do vínculo está relacionada não apenas ao comportamento observado durante a interação, mas também às condições emocionais daqueles que exercem o cuidado.[6]

Portanto, os estudos convergem ao demonstrar que a formação do vínculo não pode ser explicada por uma única característica parental. A responsividade constitui um componente importante da relação, mas seus efeitos dependem da qualidade da resposta, das características da criança e das condições emocionais e relacionais do cuidador.[5],[6]

- **Interação precoce e desenvolvimento socioemocional**

Os estudos longitudinais forneceram evidências de associação entre características da interação precoce e indicadores posteriores do desenvolvimento. Lahtela et al.[4] acompanharam participantes da coorte FinnBrain, avaliando a interação mãe-lactente aos 8 meses e o desenvolvimento socioemocional aos 2 e 4 anos. Maior estruturação materna aos 8 meses esteve associada a menor quantidade de problemas socioemocionais aos 2 anos, enquanto maior sensibilidade materna esteve associada a maior competência socioemocional.[4]

O mesmo estudo identificou associação entre maior sofrimento psicológico materno no período pós-natal e maior quantidade de problemas socioemocionais aos 2 anos. Contudo, algumas associações não permaneceram significativas após os procedimentos de correção estatística e os efeitos não se mantiveram de maneira uniforme nos diferentes períodos avaliados.[4] Esses resultados indicam que a interação parental apresenta relação com o desenvolvimento posterior, mas não constitui um fator isolado capaz de explicar toda a trajetória socioemocional da criança.

Taraban et al.[7] acrescentaram que a relação entre sensibilidade parental e desenvolvimento pode variar de acordo com o contexto da interação. Foram avaliadas 292 mães de baixa renda durante situações de brincadeira livre e organização de brinquedos aos 18 meses. A sensibilidade observada durante a organização esteve relacionada a determinados desfechos socioemocionais, enquanto a sensibilidade durante a brincadeira livre apresentou associação específica com o desenvolvimento da linguagem.[7]

A diferença entre os contextos demonstra que a sensibilidade parental não necessariamente se manifesta de maneira uniforme em todas as situações. As demandas impostas pela atividade e os comportamentos apresentados pela criança podem modificar a forma como a competência parental é expressa e, consequentemente, os desfechos associados a essa interação.[7]

- **Comunicação e experiências afetivas como componentes da interação**

A comunicação precoce apresentou associação com diferentes aspectos do desenvolvimento. Endevelt-Shapira et al.[3] avaliaram 40 díades mãe-lactente aos 3 meses e acompanharam o desenvolvimento da linguagem até os 30 meses. A sensibilidade materna observada inicialmente esteve associada a medidas posteriores de linguagem produtiva. A fala dirigida ao lactente e os turnos conversacionais também apresentaram associações com indicadores posteriores de linguagem.[3]

Esses resultados demonstram que a comunicação inicial não depende exclusivamente da aquisição da linguagem verbal, mas é estabelecida por meio de trocas contingentes envolvendo vocalização, atenção, resposta e alternância entre os participantes.[3] Dessa forma, as primeiras experiências comunicativas constituem parte da organização das relações sociais do lactente e podem participar simultaneamente de diferentes domínios do desenvolvimento.

Os achados de Suga et al.[9] ampliaram essa perspectiva ao investigar experiências de canto direcionado ao lactente e toque social em crianças entre 2 e 8 meses. A intervenção esteve associada a melhora da interação e dos sentimentos positivos, além de alterações na ativação fisiológica materna.[9] Esses resultados demonstram que a interação responsiva não se restringe à comunicação verbal, envolvendo também manifestações afetivas e sensoriais.

De maneira complementar, Mateus et al.[10] avaliaram 24 lactentes aos 7 e 12 meses e investigaram a relação entre sensibilidade materna e resposta cortical ao toque. Menor

sensibilidade materna aos 7 meses esteve associada a maior resposta de oxi-hemoglobina em regiões temporais durante o toque discriminativo e apresentou tendência de associação com maior resposta ao toque afetivo em regiões somatossensoriais aos 12 meses.[10] Embora o tamanho amostral reduzido limite a generalização desses achados, os resultados acrescentam evidência de que diferenças na qualidade das experiências relacionais podem estar associadas a respostas neurofisiológicas durante o primeiro ano de vida.

- **Saúde mental parental, contexto e disponibilidade para a interação**

Os estudos demonstraram que a qualidade da interação parental está inserida em um contexto psicológico e sociocultural mais amplo. Os resultados de Wu[1] indicaram participação dos sintomas depressivos maternos na relação entre características maternas, características infantis e padrões de envolvimento e intrusividade.[1] Lahtela et al.[4] também identificaram associação entre sofrimento psicológico materno pós-natal e maior quantidade de problemas socioemocionais aos 2 anos, embora parte das associações tenha perdido significância após correções estatísticas.[4]

Nakić Radoš[6], ao incluir mães e pais na investigação, demonstrou que sintomas de depressão, ansiedade e estresse devem ser considerados juntamente com sensibilidade, responsividade e vínculo.[6] A presença de sofrimento psicológico, portanto, não permite presumir diretamente um prejuízo no desenvolvimento infantil, mas está relacionada a condições que podem modificar a disponibilidade emocional e a qualidade das interações.[1,4,6]

O contexto sociocultural também apresentou influência sobre a manifestação da responsividade. Cote et al.[2] observaram diferenças nos padrões de interação entre mães e lactentes japoneses, sul-coreanos, sul-americanos e norte-americanos, incluindo famílias imigrantes. Apesar das diferenças comportamentais entre os grupos, determinados padrões de contingência temporal foram identificados em diferentes culturas.[2] Os resultados sugerem, portanto, que alguns princípios da interação podem apresentar características compartilhadas entre populações, enquanto sua expressão comportamental é influenciada pelo contexto cultural.

Wu[1] e Taraban et al.[7] também investigaram populações predominantemente de baixa renda, evidenciando a importância de considerar as condições sociais nas quais as relações de cuidado são estabelecidas.[1,7] Assim, os resultados não sustentam uma compreensão descontextualizada da parentalidade, pois condições econômicas, características culturais, fatores individuais e saúde mental podem coexistir e influenciar a forma como cuidador e lactente se relacionam.

A disponibilidade efetiva do cuidador foi evidenciada no estudo de Tidemann e Melinder[8], que avaliaram lactentes de 6, 9 e 12 meses durante uma situação experimental de interrupção da interação pelo uso simulado de smartphone. A interrupção da responsividade foi acompanhada por aumento de comportamentos de protesto e redução do envolvimento positivo e do monitoramento social.[8] O resultado demonstra que a qualidade da interação depende não apenas da presença física do cuidador, mas da manutenção da disponibilidade e da contingência social durante a troca com a criança.

A integração dos dez estudos permitiu identificar uma estrutura comum entre os diferentes achados. Primeiramente, a interação cuidador-lactente apresentou caráter bidirecional, pois os comportamentos infantis influenciam as respostas parentais e, simultaneamente, as respostas dos cuidadores modificam a organização comportamental e emocional da criança.[1,2] Essa

característica indica que o lactente participa ativamente da construção das relações desde os primeiros meses de vida.

Em segundo lugar, os estudos demonstraram que sensibilidade e responsividade não são conceitos equivalentes à quantidade de respostas oferecidas. A qualidade da interação depende da capacidade de reconhecer os sinais da criança, interpretar seu estado e ajustar a resposta ao contexto.[1,5,7] A associação entre níveis extremos de responsividade e apego desorganizado reforça que respostas excessivas podem ser tão inadequadas quanto respostas insuficientes quando não correspondem às necessidades do lactente.[5]

Em terceiro lugar, os resultados demonstraram que a interação precoce está relacionada a múltiplos domínios do desenvolvimento. Foram observadas associações com competência e problemas socioemocionais, apego, linguagem, comunicação, comportamentos sociais e respostas relacionadas ao processamento do toque.[3–5,7,10] Essa amplitude dos desfechos reforça que a relação cuidador-lactente constitui um componente relevante de diferentes processos do desenvolvimento, embora os estudos não permitam atribuir causalidade exclusiva à parentalidade.

Por fim, a síntese evidenciou que a qualidade da interação está inserida em um sistema composto por fatores infantis, parentais e contextuais. Temperamento e expressão emocional do lactente, saúde mental dos cuidadores, características culturais, condições socioeconômicas e disponibilidade para a interação podem modificar a forma como a responsividade se manifesta.[1,2,4,6–8] Dessa maneira, os resultados sustentam que o desenvolvimento socioemocional do lactente deve ser compreendido como resultado de um processo relacional e contextual, no qual relações responsivas, sensíveis e contingentes constituem elementos importantes, mas não exclusivos, da trajetória do desenvolvimento infantil.

Em síntese, os achados desta revisão demonstram que a sensibilidade e a responsividade parental constituem dimensões relevantes da interação cuidador-lactente, apresentando associações com a qualidade do vínculo e com diferentes indicadores do desenvolvimento socioemocional. Essas associações mostraram-se particularmente relacionadas à capacidade do cuidador de reconhecer e responder de forma contingente aos sinais e às necessidades do lactente. Os resultados também evidenciam que tais relações são complexas e multideterminadas, envolvendo a interação entre características infantis, condições psicológicas do cuidador, contexto sociocultural e características específicas das experiências interativas. Dessa forma, os estudos analisados não sustentam uma relação linear ou causal entre uma única dimensão da parentalidade e os desfechos do desenvolvimento, mas apontam para um processo relacional e contextual no qual a qualidade das experiências precoces desempenha papel relevante na trajetória socioemocional infantil.

CONCLUSÃO

Os dez estudos analisados demonstram que o desenvolvimento socioemocional do lactente ocorre em estreita relação com a qualidade das interações estabelecidas com seus cuidadores. A sensibilidade e a responsividade parental favorecem interações contingentes e ajustadas aos sinais infantis, participando da organização da relação cuidador-lactente e apresentando associações com diferentes dimensões do desenvolvimento, incluindo competência socioemocional, apego, linguagem e processamento de estímulos sociais. Os

resultados também indicam que a responsividade deve ser adequada e contingente, pois níveis excessivamente baixos ou elevados podem estar associados a padrões menos favoráveis de interação.

A revisão evidencia ainda que o vínculo e a responsividade são influenciados por fatores psicológicos, socioculturais e contextuais, incluindo sofrimento psicológico parental, características do lactente, cultura, comunicação, toque e interrupções da disponibilidade parental. Assim, a promoção do desenvolvimento infantil deve valorizar relações precoces sensíveis, responsivas e emocionalmente disponíveis, incluindo diferentes figuras parentais. Para a prática em saúde, os achados reforçam a importância de observar a relação cuidador-lactente, reconhecer dificuldades de interação e oferecer orientação e suporte aos cuidadores. Futuras pesquisas devem utilizar amostras maiores e mais diversificadas, incluir diferentes cuidadores e acompanhar longitudinalmente as relações entre características da interação precoce e desfechos socioemocionais posteriores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Wu Q. A biopsychosocial perspective on maternal sensitivity in the first two years of infant life. Behav Brain Res. 2021;411:113375. doi:10.1016/j.bbr.2021.113375. (PubMed Central (PMC))

2. Cote LR, Carey DC, Bornstein MH. Responsiveness in mother-infant social interactions among immigrant and nonmigrant families: Japanese, South Korean, South American, and European American. Infant Behav Dev. 2023;71:101832. doi:10.1016/j.infbeh.2023.101832. (PubMed Central (PMC))

3. Endevelt-Shapira Y, Bosseler AN, Mizrahi JC. Mother-infant social and language interactions at 3 months are associated with infants' productive language development in the third year of life. Infant Behav Dev. 2024;75:101929. doi:10.1016/j.infbeh.2024.101929. (PubMed Central (PMC))

4. Lahtela H, Flykt M, et al. Mother-infant interaction and maternal postnatal psychological distress associate with child's social-emotional development during early childhood: a FinnBrain birth cohort study. J Abnorm Child Psychol. 2024;57:172-187. doi:10.1007/s10578-024-01694-2. (PubMed Central (PMC))

5. Mitsven SG, Prince EB, Messinger DS, Tenenbaum EJ, Sheinkopf SJ, Tronick EZ, et al. Testing the mid-range model: attachment in a high risk sample. Dev Sci. 2022;25(3):e13185. doi:10.1111/desc.13185. (PubMed Central (PMC))

6. Nakić Radoš S. Parental sensitivity and responsiveness as mediators between postpartum mental health and bonding in mothers and fathers. Front Psychiatry. 2021;12:723418. doi:10.3389/fpsyt.2021.723418. (Tandfonline)

7. Taraban L, Shaw DS, Morris PA, Mendelsohn AL. An exploration of the domain-specificity of maternal sensitivity among a diverse sample in the infancy period: unique paths to child outcomes. Child Dev. 2024;95(1):e60-e73. doi:10.1111/cdev.14000. (PubMed Central (PMC))

8. Tidemann IT, Melinder AMD. Infant behavioural effects of smartphone interrupted parent-infant interaction. Br J Dev Psychol. 2022;40(3):384-397. doi:10.1111/bjdp.12416. (PubMed Central (PMC))

9. Suga A, Naruto Y, Maulina VVR, Uraguchi M, Ozaki Y, Ohira H. Mothers' interoceptive sensibility mediates affective interaction between mother and infant. Sci Rep. 2022;12(1):6273. doi:10.1038/s41598-022-09988-y. (PubMed)

10. Mateus V, Osório A, Miguel HO, Cruz S, Sampaio A. Maternal sensitivity and infant neural response to touch: an fNIRS study. Soc Cogn Affect Neurosci. 2021;16(12):1269-1279. doi:10.1093/scan/nsab069. (PubMed Central (PMC))